

MUITO
MAIS

QUE

5 FINEO

MINUTOS



Kéfera Buchmann

p a r a e l a

Copyright © 2015 by Kéfera Buchmann

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

CAPA Jady Salvatico

PROJETO GRÁFICO Cleber Rafael de Campos

CRÉDITOS DAS IMAGENS

CAPA E PP. 12, 38, 52, 53, 95, 97, 99, 101, 103, 105, 107, 112, 120: Renato Parada

PP. 68 E 90: Tabatha Hoch by Gift Photo/ Produção Doca pd

PP. 140 E 142: Arquivo pessoal da família

ILUSTRAÇÃO DO CACHORRO: Cleber Rafael de Campos/ murphy81/ Shutterstock

PREPARAÇÃO Marina Vargas

REVISÃO Renata Lopes Del Nero, Angela das Neves e Marina Nogueira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Buchmann, Kéfera

Muito mais que 5inco minutos / Kéfera Buchmann — 1^aed. —

São Paulo: Paralela, 2015.

ISBN 978-85-8439-011-3

1. Atrizes - Brasil - Autobiografia 2. Buchmann, Kéfera 3. Humor

4. Internet - Vídeos 5. Vlogs (Internet) 6. YouTube (Recurso eletrônico)

I. Título.

15-06398

CDD-920.72

Índice para catálogo sistemático:

1. Mulheres : Autobiografia 920.72

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORIA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.editoraparalela.com.br

atendimentoaoeditor@editoraparalela.com.br

Este livro vai para todas as pessoas
que já me agradeceram por eu ter
colocado um sorriso no rosto delas
quando elas não estavam bem ❤️
(e para a minha mãe também,
porque, se eu não lhe dedicar o
livro, ela vai ficar puta da cara).

Prefácio (fofo)

Estou honrada por prefaciar este livro, que conta parte da vida da minha filha. Aos 22 anos, Kéfera já colheu muitos frutos e isso muito nos orgulha.

Recordo que, quando nasceu, escolhi o seu nome de origem egípcia por significar “o primeiro raio de sol da manhã”. Com seu talento, sua criatividade e persistência, ela superou obstáculos e conquistou sonhos.

Kéfera é, na verdade, o nosso primeiro raio de sol de todas as manhãs. Filha amada, querida, dedicada. Coração bondoso, que deseja o bem a todos. Por sua disposição permanente de transmitir só alegrias em seus vídeos, no teatro e na vida. Recordo sua infância e seu jeitinho sempre voltado à representação e ao desejo de dar vazão a sua “veia artística”. Lembro-me disso em todos os momentos que marcaram a sua infância e adolescência. As muitas lutas travadas e as importantes vitórias conquistadas.

Kéfera, com certeza, é produto do seu enorme talento e da capacidade inesgotável de criar. Sempre focada nas pessoas, em emoções, na ressonância de sua comunicação inteligente, dinâmica e atual, que tão bem reflete o estilo de ação no mundo da internet. Convido todos a lerem e curtirem *Muito mais que 5inco minutos*. E testemunho, com o coração de mãe, toda a

grandezza da alma de Kéfera. Da filha e amiga, da neta amável, da menina que ama a família e os amigos, que, por trás de tudo isso, tem um coração maior do que ela, com uma pureza de sentimentos, um amor constante pelos seres humanos, pelos animais e por tudo que faz parte de sua vida.

Depois de tantos sonhos realizados, desejo que os anjos continuem impulsionando sua busca de mais sucesso. Tendo sempre o carinho por seu trabalho, pelos que contribuem com o seu êxito e pelos milhões de fãs como base de sua caminhada.

Leiva Buchmann

Prefácio (zoado)

Eu me lembro bem da primeira vez que vi pessoalmente a Kéfera. É claro que já a conhecia dos vídeos na internet. E do *Coletivation*, programa da MTV que ela apresentava. E, como todo mundo, dava boas risadas com ela nos dois!

Um dia fui convidado especial da estreia da temporada de um espetáculo de improviso em São Paulo e, naquela temporada toda, a Kéfera reforçava o elenco e garantia a maior parte do público — já era uma pop star da internet. E eu achei bacana finalmente conhecê-la!

A primeira coisa que eu disse para ela foi: “Que legal, você é a **KÉFORA!**”. E ela me corrigiu imediatamente, como se colocando um “e” no lugar do “o” o nome deixasse de ter a sonoridade de um ingrediente de xampu! Hahaha!

Conversamos um pouco e falaram que logo parecíamos amigos de infância. Talvez por isso a gente tenha pirado junto naquela noite em cima do palco e feito **O PIOR IMPROVISO DA HISTÓRIA DOS IMPROVISOS!** Olha só o que aconteceu...

Em um dado momento do espetáculo, a proposta era: cada um de nós seria um personagem com características criadas pela plateia. E estávamos todos numa festa. Eu era o Incrível Hulk, mas cego. E a Kéfera era o Bob Esponja, mas cheirado. E lá fomos nós para a improvisação...

Eis que eu tive a brilhante ideia de sair do palco, ir até o camarim e voltar à encenação com um sanduíche a metro que o elenco mal tinha comido. Achei que ia ser engraçado o Hulk cego reaparecer com comida, sei lá. Eu não fazia ideia do que criar com aquilo, mas fui em frente.

Quando a Kéfera me viu com a sandubada toda, não sei que tipo de entidade se apoderou de nós dois. Alguém da plateia gritou que queria um pedaço, e ela e eu começamos a arremessar sanduíche a metro nos espectadores! Hahaha! Sem mais nem menos! As fãs dela adoraram, mas imaginem o resto da galera? Eu me lembro de uma dondoca que olhou para a gente com cenoura no nariz e disse que aquilo não tinha nenhuma graça. E de ver uma amiga minha na quarta fileira com maionese na testa! Hahaha! A Kéfera a acertou em cheio. Ela é maluca!

O grupo tomou a maior bronca no teatro. Eu e a Kéfera ficamos rindo nas coxias como dois idiotas. E a padaria nunca mais deu sanduíche a metro para o elenco. Desse episódio bizarro, nasceu uma amizade igualmente bizarra entre nós dois. A gente se vê pouco, mas de tempos em tempos nos encontramos e fazemos uma coisa idiota, como uma dança ridícula que criamos nos bastidores de uma emissora de tv.

É uma pena que as pessoas não tenham o WhatsApp da Kéfera. Eu tenho e já fui chantageado por fã dela para passar. Não passo nem sob tortura! No Whats, a Kéfera é ainda mais divertida. Lembro que passamos um tempo mandando áudios impublicáveis um para o outro, falando como atendentes de telessexos surtados que tipo de baixaria cada um faria na hora da furufada! Hahaha!

Essa é a Kéfera. Ela é um barato porque transborda espon-taneidade. É alegria pura. É bonita sim, mas é mais legal do que muita gente legal que tem por aí. Ela é uma entidade na internet, já é uma personalidade da tv e uma figura pública adorável... Mas é maluca! E este livro é espontâneo e maluco como ela.

Rafa Cortez

Recado para os haters

Este livro foi escrito para quem gosta de mim. Ou para quem quer tentar gostar. Ou quem gosta mais ou menos, mas quer me conhecer mesmo assim. Ou quem quase gostava de mim, mas em algum momento assistiu a algum vídeo meu no YouTube e achou uma bosta, porém tem um bom coração e está disposto a tentar gostar de mim de novo. Mas se você não vai **MESMO com a minha cara, então...**

... POR QUE, meu Deus, está com o meu livro nas mãos?

Se já não gosta de mim, feche este livro imediatamente. Porque se já me odeia, vou te dar ainda mais motivos para isso.

Ah, outra coisa:

CHUUUPA! EU ESCREVI UM LIVRO!

(Se não gosta de mim e ainda está lendo isto, é porque você é muito trouxa mesmo.)

Última chance de fechar o livro, hein!

3...

2.00

1
000

Ainda não fechou? Ah, então lê de uma vez por todas e não enche meu saco.

(Divirta-se e boa leitura. :))

Introdução

Este não é um livro revolucionário. Não espere nenhuma história que virou o mundo de cabeça para baixo. Até porque ele é sobre uma garota de 22 anos que (ainda) não fez nada de relevante de verdade (tipo inventar a vacina para uma doença). Você deve estar se perguntando: Por que diabos você escreveu um livro então? Porque, por incrível que pareça, existem pessoas no mundo (umas três, mais ou menos) que têm vontade de saber um pouco mais sobre a minha história de vida. Porque, sem querer, eu acabei inspirando algumas meninas e meninos.

No dia em que este livro foi para a gráfica, quase doze milhões de pessoas me seguiam no YouTube, no Facebook, no Twitter e no Instagram. Sou reconhecida nas ruas e recebo milhares de mensagens de fãs por dia. Mas a minha vida nem sempre foi assim...

Capítulo #1

Desde cedo tenho uma ligação forte com arte. Qualquer tipo de arte. Começou quando eu era criança (mais criança do que ainda sou). Eu desenhava e por um longo período (de três meses) acreditei que um dia seria desenhista, uma pintora incrível, conhecida no mundo inteiro pelos meus desenhos (que eram uma bosta, para ser sincera). Eu fazia desenhos e entregava para a família toda. Presenteava meus familiares com meus desenhos como se fossem algo que eles realmente quisessem. E todos mentiam para mim, dizendo que o desenho era bonito e que eu tinha muito talento. E eu acabei acreditando.

Mas logo esse sonho de ser uma renomada pintora foi aquarela abaixo. Minha mãe até que tentou me incentivar a fazer aulas de desenho, porque, segundo ela, eu realmente tinha traços muito bons. Mas sabe como são as mães, né? Não dá para confiar cegamente em alguém que te elogia até quando você faz cocô (dentro do penico). E minha mãe sempre me elogiava muito (mesmo quando eu não acertava dentro do penico). Minha mãe sempre gostou de qualquer merda (literalmente) que eu fizesse.

Logo, no entanto, comecei a perceber que eu não desenhava tão bem quanto as minhas coleguinhas da escola. E aí o desenho acabou virando só um hobby. Um hobby bem inútil e

que eu só chamo de hobby para não me parecer tão vergonhosa a constatação de que eu desenhava tão mal. Chamar o que você não sabe fazer direito de hobby pega bem. Fica a dica.

E fica também um beijo para dona Zeivanez, minha mãe, que tem esse nome horrível. E que descontou a raiva de ter um nome esquisito em mim, me chamando de Kéfera. Aliás, prazer: Kéfera Buchmann.

Eu me lembro da minha vida mais ou menos a partir dos cinco anos. Deve ter acontecido alguma coisa legal antes, mas não lembro. Desculpem. Bom, com cinco aninhos já tinha conhecido minha amiguinha Josiéne. (Que, aliás, também tem um nome bem esquisito, assim como o meu. Sim, nossos pais estavam a fim de nos sacanear, como você já percebeu.) Na verdade, conheci a Josie quando tinha três anos. Bem, isso é o que os nossos pais nos contam, porque com três anos de idade eu nem sabia que existia. Ainda não estava muito ligada nessa parada chamada vida. Você, por exemplo, com três anos ainda estava mamando na teta da sua mãe. Certo? Só estou te lembrando para você se sentir meio mal.

Eu e a Josie brincávamos de ser alguma cantora gostosa do momento (**QUE FASE, HEIN?**). Tínhamos nossas bonecas e a história era sempre a mesma. Nossas Barbies namoravam um cara gostoso e rico e eram famosas (cantoras ou atrizes), felizes, realizadas, magras, gostosas, desejadas e meio vagabundas. Porque ser desejada e não sair por aí de piranhagem não tem muita graça, né? Era mais ou menos como eu e a Josie imaginávamos que seria nossa vida aos catorze anos. (Precoces para cacete, pois é, mas a gente acabou desistindo da ideia de ser meio vagaba quando descobrimos que isso não era algo tããão

legal assim.) O sonho de ser artista e bem-sucedida, porém, continuou vivo, bem mais que o fogo no rabo das nossas Barbies. Contei toda essa besteira para reforçar que sempre me imaginei trabalhando no ramo artístico. Só não sabia direito onde.



Com sete aninhos, lá estava a menina Kéfera entrando na primeira série do ensino fundamental. O primeiro dia foi um desastre. Fui de condução (junto com a Josie!) e logo de cara encontramos uns palhaços mais velhos que começaram a nos zoar. Porque primeiro dia de escola sem sofrer *bullying* não é primeiro dia de escola. Aliás, quem diz que criança é um ser inocente não sabe o que está falando. Crianças podem ser as criaturas mais demoníacas que existem, por mais que digam o contrário. Sabe por quê? Porque são sinceras demais. Criança olha para uma velha com o peito caído, aponta, dá risada e diz que “ela vai tropeçar na própria teta”. E ainda chamam de anjo? **NUNCA!** Adultos também não são seres puros e cheios de luz, mas pelo menos evitam ser sinceros demais, porque sabem que a gente tem uma coisa chamada coração e que existem outras chamadas problemas-de-autoestima.

Voltando para os capetas que começaram a me zoar na saída do ônibus, um deles era um loiro e, infelizmente bonito. Infelizmente porque eu estava com ódio de ele ser bonito, porque ele estava me xingando. O outro tinha uma carinha comum de criança demoníaca, então dane-se. Na hora das ofensas gratuitas, não entendi muito bem o que estava acontecendo e por que eles estavam sendo sacanas comigo. Eles me chama-

vam de “bolinha” e “quatro olhos”. Se fosse hoje, mandaria eles tomarem no cu, mas naquela época eu nem sabia o que era cu direito, então acabei ficando quieta. Meus olhos começaram a se encher de lágrimas e senti a primeira escorrer pela minha bochecha. A Josie também estava assustada, me olhando sem entender o que estava acontecendo. Foi um longo caminho de vinte minutos até finalmente chegarmos à nova escola.

Quando desci da condução, além dos capetas, vi um monte de crianças abraçando os pais, chorando, rindo, se batendo. Vi pais correndo atrás dos filhos, que pareciam ter cheirado alguma substância estranha, tamanhas eram a insanidade e a energia que tinham. Logo me perdi da Josie. Pensei: “Fodeu!”. Mentira. Não pensei “fodeu”, não. Afinal, eu tinha sete anos. Mas fiquei muito chateada na hora, e com raiva dela por ter se afastado de mim, dando a chance de nos perdermos uma da outra.

Primeiro dia em uma escola nova é como o começo do *Big Brother Brasil*. Todo mundo se ama e fica amigo e uma semana depois estão se odiando e fazendo macumba para os coleguinhas.

Conheci umas meninas que foram legais comigo e achei a maioria dos meninos feios. Os que eram bonitinhos já estavam de olho nas loirinhas magras da sala. Foi com sete anos que eu comecei a perceber que eu era meio diferente das outras garotas da classe. Elas tinham o cabelo liso e comprido, enquanto o meu parecia uma vassoura de palha. Eram loiras, eu tinha o cabelo castanho. Elas tinham olhos claros e eu, escuros. Elas eram mais baixas, eu, mais alta. Elas eram magras, eu estava acima do peso. Elas usavam produtos de marca, eu, minha caneta que tinha comprado na lojinha de R\$ 1,99.

Não preciso dizer que logo as loirinhas magras se tornaram as populares, cheias de meninos correndo atrás, né? O que acontece sempre nos filmes adolescentes americanos. Se eu pudesse determinar quem seria escolhida a bonitinha da escola naquela época, teria indicado uma mulata delícia meio Globeteira, para sair desse maldito padrão das loirinhas magras. Mas éramos criancinhas sebosas que não sabiam direito o que estava acontecendo.

Não demorou muito para o pessoal da minha classe me escolher como objeto de zoeira. E em pouco tempo eu já odiava a escola inteira e vice-versa. Sempre fui o tipo de garota que atrai treta. Talvez fosse porque eu fazia muita besteira. Os meninos começaram a me perseguir, passando a me dar apelidos muito “carinhosos”, como: balão, rolha de poço, saco de areia, balofa, pneu de trator, bolo fofo, pudim de banha, baleia, barril destampado, bujão, Free Willy, porpeta, polenta, almôndega, chupeta de baleia, saco de banha e por aí vai... O povo era criativo, preciso admitir. Relembrando agora, é engraçado. Mas na época doeu bastante. Tipo, muito mesmo. Eu odiava ir para a escola. Chorava todos os dias. E me culpava por estar crescendo (tanto cronologicamente quanto para os lados). Achava que se eu não estivesse ficando mais velha, não precisaria enfrentar a escola. Desejei ficar no jardim de infância para sempre. E olha que eu nem sabia o que me esperava.

Bullying é coisa séria

É comum crianças se ofenderem e até se xingarem na escola. É assim desde que o mundo é mundo. A diferença é que alguns meninos e meninas levam numa boa e deixam os xingamentos que ouviram para trás. Outros carregam isso para a vida toda. Sou assim. Levei para a vida todos os xingamentos que recebi, como conto neste livro.

Para quem ainda não sabe, na definição de Cleo Fante, pioneira no estudo desse assunto no Brasil, *bullying* é “quando um estudante (ou mais), de forma intencional, elege como alvo outro (ou outros) contra o qual desfere uma série de maus-tratos repetitivos, impossibilitando a defesa”.*

Eu sempre fui gordinha e sofri muito com isso. Passei por todo tipo de humilhação possível na época da escola e isso foi o motivo da minha infelicidade por anos. Não é fácil consertar a cabeça de um ser humano que foi tão ridicularizado, digo do fundo do coração. Então é preciso combater o *bullying*.

“Ah, mas é só brincadeira”, vai ter gente insistindo. Se existe a menor chance de a pessoa ficar muito chateada, triste mesmo, então não é mais piada, brincadeira. Se você sofre *bullying* ou conhece alguém que passe por isso, peça ajuda aos seus pais, amigos ou professores. Tem vergonha? Não é para ter. É enfrentar a vergonha ou correr o risco de arrastar o fantasma da humilhação pelo resto da vida.

* Entrevista ao Portal do Professor disponível em:

<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/conteudoJornal.html?idConteudo=930>. (N. A.)